ATA N.º 67/XIII-4º/2021-25

1 - Aos vinte e cinco dias do mês de abril de dois mil e vinte e cinco, pelas 09H00, nas instalações do Auditório Fernando Lopes Graça do Fórum Romeu Correia, em Almada, realizou-se a Sessão Solene da Assembleia Municipal Comemorativa do 51.º Aniversário do 25 de Abril de 1974.

2 – Instalou-se a Mesa constituída pelo Presidente Ivan Gonçalves, pelo 1.º Secretário Ivo Almeida e pela 2.ª Secretária Ana Paula Silva.

3 - Fez-se a chamada dos/as Senhores/as Deputados Municipais, tendo-se verificado quórum.

3.1 – Responderam à chamada os seguintes Senhores/as Deputados/as Municipais:

José Joaquim Machado Courinha Leitão (PS), João Luís Serranho Frazão Couvaneiro (PS), Ana Margarida Machado da Silva Lourenço (PS), Daniel Alexandre Teixeira da Silva (PS), Ivan da Costa Gonçalves (PS), Ana Paula Alves da Silva (PS), Sérgio Cantante Faria de Bastos (PS), Henrique Alexandre Margarido de Almeida (PS), Paulo Filipe Pereira Viegas (PS), Pedro Miguel Dias Rodrigues Pereira (PS), Ivo Filipe Esteves de Almeida (PS), Bruno Ramos Dias (CDU);,Maria Rita Pereira Peixoto de Magalhães (CDU), Joaquim Estevão Miguel Judas (CDU), João Eduardo Alves de Moura Geraldes (CDU), Ana Luísa Abílio Rodrigues de Carvalho (CDU), Vasco Ramiro Rodrigues Gonçalves (CDU), Sónia Tchissole Pires da Silva (CDU), Maria Amélia de Jesus Pardal (CDU), Beatriz Leal da Silva Brandão Ferreira (PSD), Luís Pedro Amado Pinto Durão (PSD), José António Espírito Santo Rocha (BE), Pedro Miguel Celestino Pereira (BE), Nuno Alexandre Oliveira Mendes (CHEGA), Sara Sofia Martins Pinheiro (CHEGA), Margarida Ramires Paulos (PAN), António Pedro Rodrigues do Livramento Maco (CDS-PP), Maria de Assis Beiramar Lopes de Almeida (PS), Sandra Cristina Pereira Mascarenhas Vieira Chaiça (PS), Pedro Miguel de Amorim Matias (PS), José Ricardo Dias Martins (PS), Luís Filipe Almeida Palma (CDU).

4 – Nos termos e para os efeitos do n.º 3, do artigo 40.º, do Regimento da Assembleia, registaram-se os seguintes procedimentos:

4.1 – O Senhor Presidente referiu as comunicações dos/as Senhores/as Deputados/as Municipais Sónia Raquel Mota Faria (PSD) e Inês Pezarat Bom (BE)) informando da impossibilidade de estarem presentes.

4.1.1 – Nos termos legais e regimentais aplicáveis tomaram posse os/as eleitos/as Paulo Alexandre Ribeiro Sabino (PSD) e Fátima Maria Silva Nogueira Marras (BE);

4.1.2 – Feitas as substituições ao abrigo das disposições legais e regimentais, registaram-se as faltas injustificadas dos/as Senhores/as Deputados/as Municipais Marta Ferreira Cortez dos Santos (PS), Olga Natália Maia Mariano (PS), José Alberto Azevedo Lourenço (CDU) e Luís Daniel Valverde Jacinto (CDU).

5 – Deu-se início ao período da Ordem do Dia para as intervenções alusivas ao evento, tendo usado da palavra por tempo igual para todos, tal como acordado na conferência de representantes, os/as seguintes Senhores/as Deputados/as Municipais: António Pedro Maco (CDS-PP), Margarida Ramires Paulos (PAN), Nuno Alexandre Mendes (CHEGA), José António Rocha (BE), Luís Pedro Durão(PSD), Maria Amélia Pardal (CDU) e Daniel Teixeira Silva (PS). Usaram também da palavra o Senhor Comandante Alcindo Ferreira da Silva representante da Associação 25 de Abril, o Senhor Presidente da Assembleia Municipal Ivan Gonçalves (PS) e a Senhora Presidente da Câmara Municipal Inês de Medeiros (PS).

5.1 – O Senhor Deputado Municipal António Pedro Maco (CDS-PP):

"Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Almada, Senhores/as Deputados/as Municipais, Senhora Presidente da Câmara Municipal, Senhores/as Vereadores/as, Caras/os Convidados, Caras/os Munícipes;

Aproveito aqui também para saudar a Lusofonia.

Quero também aqui relembrar o papel fundamental que o Poder Autárquico Democrático tem para a implementação e para a solidificação dos valores de Abril.

Daquele Abril que pugna pela liberdade, por todos os povos e também pela fraternidade entre os povos.

Como não podia deixar de ser, a primeira palavra vai para aqueles que há 51 anos, tiveram a coragem de arriscar as suas vidas e enfrentar a máquina poderosíssima do antigo regime. A todos eles que, direta ou indiretamente, nos entregaram a liberdade e a democracia, o nosso mais profundo e eterno agradecimento.

É por aí que partimos, é por aí que fizemos um longo caminho é aqui que chegamos.

Aqui chegados, já depois de meio século, fazemos um balanço.

Certamente que a revolução nos deu a liberdade, a Democracia, a capacidade de eleger e de ser eleitos, o fim da guerra e o regresso ao país de muitos dos jovens que combatiam numa guerra sem sentido.

O país modernizou-se, a escola e o ensino deixaram de ser doutrinária, a Faculdade ficou ao alcance de todos, os sindicatos passaram a ser livres, os partidos políticos deixaram de ser perseguidos, entramos na CEE, depois a União Europeia, mais tarde a moeda única, reforçamos os pactos internacionais da defesa entre outras tantas conquistas, que em tão pouco tempo se conseguiu e que não conseguimos aqui em tão pouco tempo mencionar.

Senhor Presidente, caros Almadenses,

Aqui chegados, com tudo o que de melhor o 25 de Abril e todos os episódios do grande efetivo da liberdade por nós herdados, o que falta cumprir.

Abril tem que estar presente em cada hospital, quando 51 anos depois é tão difícil ter médico de família para muitos. Demasiados mesmo.

Abril deve estar sempre presente nas escolas, quando faltam professores e quando existem escolas ainda, demasiadas mesmo, sem as mínimas condições para alunos e professores.

Abril deve estar presente nos transportes públicos, quando muitas das vezes, demasiadas mesmo, o cidadão perde em média 4 horas no total diariamente, quando deveria estar perto e junto da sua família.

Abril deve estar presente nos lares de cada cidadão, quando muitas vezes, demasiadas mesmo, 51 anos depois, começa a ser um luxo ter habitação condigna para a sua família.

Abril deve estar presente nas forças de segurança, quando muitas das vezes, demasiadas vezes, faltam efetivos, faltam meios materiais e veículos para assegurarem a sua missão, faltam camaratas condignas ou salas de trabalho onde chove lá dentro.

Abril está por cumprir em outras tantas e outras matérias para que possam colmatar as necessidades dos portugueses.

Já agora, Abril está por cumprir também naqueles em que convidamos para o nosso país, mas que depois não lhes conseguimos dar as condições dignas às suas famílias.

Sobretudo Abril está por cumprir na vontade política, na coragem, no empenho, na dedicação daqueles que por força da democracia, podem tornar as decisões acertadas, para que 51 anos depois possamos dar por garantida e cumprida, o sonho de alguns em nome do povo.

A liberdade só é realmente apetecível se conseguirmos extrair da mesma toda a essência no seu esplendor.

E falta ainda tanto, com percalços, com alguns recuos, com alguns receios e mesmo com alguns erros, não se podendo perder a esperança em qualquer manhã cinzenta.

"Quis saber quem sou, o que faço aqui,

Quem me abandonou de quem me esqueci,

Perguntei por mim, quis saber de nós."

51 anos depois, estas palavras de Paulo Carvalho, nunca fizeram tanto sentido como agora.

Viva a Liberdade."

5.2 – A Senhora Deputada Municipal Margarida Ramires Paulos (PAN):

"Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Almada, Senhores/as Deputados/as Municipais, Senhora Presidente da Câmara Municipal, Senhores/as Vereadores/as, Caras/os Convidados, Caras/os Munícipes;

"Ela é tão livre que um dia será presa.

Presa porquê?

Por excesso de liberdade.

Mas essa liberdade é inocente?

É. Até mesmo ingénua.

Então porquê a prisão?

Porque a liberdade ofende" (Clarice Lispector)

Liberdade de expressão, liberdade de ir e vir, liberdade para pensar, liberdade para ser, nada disso era permitido antes do 25 de abril. No tempo da ditadura o governo controlava o que as pessoas vestiam, a roupa feita no estrangeiro não entrava no país e não se usavam cores fortes, Portugal tinha um ar cinzento e triste.

Sopa e pão eram os ingredientes principais das refeições. Portugal era um país pobre e com poucas opções, e alguns produtos alimentares eram mesmo proibidos.

Censuravam-se os jornais, as revistas, as peças de teatro, os filmes e a televisão, ainda antes de chegaram ao público. Escrever a palavra "vermelho", podia levar a um corte porque os leitores empregues pelos Serviços de Censura podiam ficar na dúvida se se referia ou não a comunista. Entre 1933 e 1974, o Estado Novo censurou e proibiu uma longa lista de livros, por os considerar capazes de "perversão da opinião pública". Alexandre O'Neil, Aquilino Ribeiro, Jorge Amado, Maria Teresa Horta, Natália Correia, Vergílio Ferreira, e muitos outros viram as suas obras sujeitas ao lápis azul da censura.

Ao fim do 4.º ano de escolaridade, muitas crianças abandonavam a escola para irem trabalhar aos 10 anos de idade ou mais cedo.

A mulher ideal era a dona de casa perfeita, escolhida através de um concurso, tinha de ter jeito para a costura e claro para a cozinha.

51 anos se passaram desde que deixámos para trás este regime que nos envergonha, mas que também enaltece todas e todos que tiveram a coragem de o combater.

O 25 de Abril não foi apenas um marco político. Foi um grito de dignidade, uma exigência de justiça e uma afirmação de que os direitos humanos são inegociáveis.

Nestes 51 anos muitas conquistas se fizeram: o Serviço Nacional de Saúde, a Educação, passámos de uma taxa de analfabetismo elevadíssima para uma sociedade escolarizada e com oportunidade de ensino para todos. Hoje há mais mulheres com formação superior do que homens, o que demonstra o caminho de resiliência e luta que as mulheres travaram nestes 50 anos. Foram criados o salário mínimo nacional e o subsídio de desemprego, o direito à greve e à manifestação foi instituído, o direito de vivermos sem medo, de um regime arbitrário, ditatorial, injusto, tacanho, vil.

Mas apesar das importantes conquistas, ainda há muito por fazer, muito por conquistar, ao mesmo tempo que temos de nos manter alerta e unidos contra aqueles que ameaçam a democracia, os direitos conquistados que todos os dias devem ser defendidos. Temos de continuar a erguer-nos contra todos e qualquer um que discrimine, diminua, ofenda, minimize outra pessoa por ser imigrante, pela sua cor, pela sua orientação sexual, pelo seu género ou por qualquer outro motivo fútil.

A violência doméstica e a violência sexual são uma realidade, são uma verdadeira onda de insegurança, não nas ruas, mas dentro de casa. Um flagelo que não escolhe classes, idades ou territórios. Estamos a falar de pessoas que vivem reféns do medo, sem apoi, sem proteção, sem justiça.

Muito está ainda por fazer, também na defesa do planeta e dos animais. Nunca atingiremos uma sociedade justa e evoluída enquanto continuarmos a tratar o planeta e os animais de forma selvagem, sem respeito e sem piedade, destruímos habitats, dizimamos espécies inteiras, poluímos rios, lagos, mares. Sujeitamos milhões de animais a uma vida inteira de dor e sofrimento. Abril é também compaixão. Abril é também amor ao próximo, aquele que pode ser diferente de nós, que pode não saber expressar-se como nós, mas que sofre como nós.

O 25 de Abril é mais do que uma memória: é uma promessa.

Uma promessa que nos obriga, todos os dias, a continuar a luta por uma sociedade mais justa, mais segura, mais verde e mais inclusiva.

Está na hora de levar a liberdade também aos animais e à natureza.

Viva o 25 abril, viva a liberdade."

5.3 – O Senhor Deputado Municipal Nuno Alexandre Mendes (CHEGA):

"Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Almada, Senhores/as Deputados/as Municipais, Senhora Presidente da Câmara Municipal, Senhores/as Vereadores/as, Caras/os Convidados, Caras/os Munícipes;

É com profundo sentido institucional que hoje vos falo, nesta Sessão que marca os 51 anos do 25 de Abril. Reconheço o peso da História e das conquistas alcançadas, mas não me limito a expor apenas uma perspetiva.

O 25 de Abril foi um momento de coragem. Um corte com o passado. Um grito coletivo de Portugueses que disseram Chega.

Foi o dia em que Portugal, cansado de décadas de medo, censura e guerra, decidiu que era tempo de mudar. Os militares que saíram à rua fizeram-no não para tomar o poder, mas para o devolver ao povo.

Foi uma rutura. Mas também foi o início de um caminho. E esse caminho, que se queria democrático, nem sempre foi bem trilhado.

Houve liberdade, sim. Mas também abusos.

E não podemos falar de Abril sem lembrar o que se tentou fazer nos meses seguintes.

Durante 1975, assistimos a tentativas de instrumentalizar a Revolução, não para construir uma democracia plural, mas para a substituir por um regime de inspiração marxista.

Empresas ocupadas, propriedades invadidas, insultos a quem pensava diferente.

A censura não acabou. Mudou de lado.

E por pouco não se instalou uma nova forma de tirania, desta vez com cravos ao peito.

Foi o 25 de Novembro que nos travou a queda.

Foi aí que a liberdade foi resgatada e Portugal disse: Chega de extremos.

Liberdade sim, mas para todos.

Democracia sim, mas verdadeira.

Pluralismo sim, sem donos nem cartilhas.

E é isso que defendemos.

Porque quem celebra Abril, tem a obrigação de recordar Novembro.

Hoje, quando alguns tentam apagar esse momento da história, é ainda mais importante repeti-lo: sem o 25 de Novembro, Abril teria morrido às mãos da sua própria distorção.

Mas não estamos aqui apenas para falar do passado.

A história não se vive nos museus. Vive-se nas ruas, nas casas, nos hospitais, nas escolas, no dia-a-dia de quem trabalha, de quem espera por uma consulta, de quem paga impostos e vê o país a falhar.

As promessas de Abril foram traídas por décadas de governação irresponsável.

- A corrupção tomou conta do sistema.

- Os nossos serviços públicos colapsam.

- A segurança degrada-se a cada dia.

- Os portugueses empobrecem.

Temos uma imigração descontrolada, imposta sem planeamento, sem critério, sem respeito pelo nosso povo, comprometendo a ordem e a segurança.

O 25 de abril deu-nos democracia e liberdade, mas também abriu portas a muitos que a usaram não para servir, mas para se servir.

Corrupção, compadrio, impunidade.

Quantos viram no sistema apenas uma forma de garantir lugar, poder e silêncio?

A democracia, que deveria servir o povo, tornou-se um mecanismo para proteger interesses.

Os mesmos de sempre.

Com os mesmos resultados de sempre.

E quando alguém ousa levantar a voz, é atacado, insultado, reduzido a caricatura.

Mas já não resulta.

O povo português respondeu.

Cinquenta Deputados do CHEGA.

Milhões de votos. Milhares de autarcas.

A democracia falou, e o sistema tremeu.

Não há democracia sem pluralismo.

Não há liberdade se não houver coragem para ouvir quem pensa diferente.

E é por isso que estamos aqui.

Para dizer que sim, defendemos o 25 de Abril.

Mas recusamos a apropriação pela esquerda.

Defendemos a Liberdade, sim.

Mas a liberdade com responsabilidade, com ordem, com justiça.

Este não é o país com que os Portugueses sonharam em 1974.

E muito menos é o país com que queremos continuar.

A liberdade precisa de ser protegida. Mas também precisa de ser honesta.

Não pode servir para esconder falhas, nem para calar críticas.

Celebramos Abril. Mas não com ingenuidade.

Celebramos com memória e de olhos abertos.

Hoje, 51 anos depois, Portugal precisa de recuperar o sentido original da liberdade:

Não como desculpa para tudo, mas como fundamento de uma Nação que se quer justa, firme e soberana.

Viva o 25 de Abril que nos libertou.

Viva o 25 de Novembro que nos salvou.

E viva Portugal, o verdadeiro, o inteiro, o que falta cumprir."

5.3 – O Senhor Deputado Municipal José António Rocha (BE):

"Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhores/as Deputados/as Municipais, Senhora Presidente da Câmara Municipal, Senhores/as Vereadores/as, Caras/os Convidados/as, Caras/os Munícipes;

Hoje comemoramos a Revolução de Abril de 1974. E como em todos os anos desde aquela madrugada de cravos e coragem, saudamos a liberdade e a democracia

Mas hoje, mais do que uma celebração, este é também um momento de vigília, de consciência, de alerta. Porque os ventos que sopram pela Europa e pelo mundo são muito perigosos.

E ninguém está imune ao avanço dessas elites políticas insensíveis e sombrias. A extrema-direita cresce. Alimenta-se do medo, do cansaço, da mentira e da desigualdade.

E é preciso dizer-lhes bem alto e de forma clara: que aqui há gente de esquerda. Gente que não se cala, que resiste todos os dias ao avanço da extrema-direita e que não desiste de combater o capitalismo liberal, selvagem e desumanizante.

Que há aqui, quem continue a defender, com firmeza e paixão, as conquistas de Abril, com profundo respeito pelos militares, que nos devolveram a liberdade, e por todas as mulheres e homens que enfrentaram a censura, a prisão, a tortura, o exílio e até a morte, na longa e corajosa luta contra a ditadura fascista.

Aqui estamos hoje, 51 anos depois da Revolução de Abril, para alertar para as consequências de décadas de políticas de subserviência ao grande capital. Governos que, com as suas opções políticas, conivência e silêncio, deixaram enraizar crises económicas e sociais, multiplicaram a pobreza e a exclusão.

Não só permitiram, como foram cúmplices do crescimento da extrema-direita nos últimos anos. Uma extrema-direita que se apresenta com uma retórica populista, que espalha o ódio.

Que aponta o dedo ao imigrante, dizendo que representam uma ameaça à identidade cultural e à segurança nacional.

Que apoia e saúda um Primeiro-ministro de Israel tornando-se conivente com a barbárie e o assassinato de milhares de homens mulheres e crianças na palestina.

E que não se coíbe de gritar, em plena casa da democracia, que é preciso "limpar essa gente". A História já ouviu essas palavras. E sabemos como acabam.

É preciso resistir. É preciso combater, com firmeza e sem medo, um sistema político que explora, a hierarquia social que cala, o nacionalismo exacerbado que exclui.

Há uma geração inteira que viveu sem liberdade, sem direitos, sem futuro. Trabalhou desde criança, foi empurrada para fora do país, viveu na pobreza e no silêncio imposto por uma ditadura, que chorou a morte de milhares de vidas numa guerra cruel absurda, como são todas as guerras.

Só depois do 25 de Abril, essa geração conheceu a dignidade, conheceu a saúde pública, a escola para todos, a segurança social, o direito a votar, a sonhar, a viver.

E houve quem dissesse, mais tarde, que tudo isso era peso a mais, que o Estado era velho, que a solução vinha do mercado, da bolsa, da concorrência. E uma nova geração acreditou porque quis acreditar que vinha aí prosperidade. Mas o que veio foi a precariedade. A dívida, a ansiedade e de novo, a emigração.

Hoje há jovens licenciados a viver em quartos que não são seus, com salários que mal chegam para o mês.

Há famílias que não conseguem pagar uma renda. Há idosos que voltam a ter que escolher entre medicamentos ou comida.

E enquanto isto acontece, há quem nos diga que devemos cortar ainda mais. Que o Estado é o problema, que o Serviço Nacional de Saúde é caro, que a escola pública é fraca, que a Segurança Social deve ir para a bolsa.

Dizem-nos, de forma fria e descarada, que isto é modernidade. Mas não é.

É o regresso ao passado.

E a extrema-direita, essa que fala grosso e bate com a mão no peito, aproveita-se da frustração. Diz que vai pôr ordem., diz que vai acabar com os "privilégios" dos pobres, dos imigrantes, das mulheres, das minorias.

Mas sabemos o que querem, é tirar-nos tudo:

Os direitos, as liberdades, a memória e a esperança, e é por isso que é preciso resistir, porque sabemos o que acontece quando o ódio se senta no poder.

Sabemos que a democracia, quando não é defendida todos os dias, pode ser perdida num só.

Por isso, nesta Sessão Solene, deixo-vos um apelo:

Não deixem que vos convençam de que tudo é igual. Não deixem que o cansaço vos cale. Não deixem que apaguem Abril.

Porque a modernidade não é violência nem medo. Modernidade é igualdade. É justiça. É solidariedade.

É garantir que ninguém fica para trás, seja qual for o nome, a origem, a raça, a etnia, o género ou a cor da pele.

Um apelo a todas todos aqueles e aquelas que acreditam e defendem a igualdade e justiça para todos, que é preciso unir esforços, é preciso mostrar que existe uma maioria de gente livre, consciente e corajosa, uma maioria que não desiste nunca da liberdade e da democracia, que luta pela paz, pelo pão, habitação, saúde e educação, uma maioria que diz: fascismo aqui, não! Em Portugal, não se volta atrás!

Viva a Liberdade, Viva a Democracia, 25 de Abril Sempre."

5.4 – O Senhor Deputado Municipal Luís Pedro Durão (PSD):

"Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhores/as Deputados/as Municipais, Senhora Presidente da Câmara Municipal, Senhores/as Vereadores/as, Caras/os Convidados/as, Caras/os Munícipes;

É inevitável que, ao olharem para mim hoje, neste momento solene, muitos pensem: "Este jovem não viveu o 25 de Abril. Não conheceu a ditadura, nem sabe o que é viver sem liberdade. Não sabe o que foi a luta pela democracia."

Sei que podem olhar para mim com essa desconfiança, com esse descrédito, ou, noutros casos, com condescendência e quem sabe até com algum paternalismo.

Em certa medida, não lhes nego, totalmente, essa verdade e até compreendo. Não nego que, lá no fundo, ainda sou ainda uma criança dos anos 90. Cresci no coração de Almada, numa década vibrante, ao mesmo tempo que a nossa cidade e o nosso país se desenvolviam.

Sou da geração da Europa alargada, da livre circulação, do Erasmus, da moeda única, dos fundos europeus e, sejamos honestos, do dinheiro fácil para Portugal. Conheci o 25 de Abril pelas histórias que me foram contadas, pela televisão, pela internet, mas também pelo testemunho das diferentes sensibilidades políticas da minha família e amigos que o viveram, sociais-democratas, socialistas, centristas, comunistas e dos retornados, que me relataram o olhar desconfiado que enfrentaram na transição democrática.

Aprendi, desde cedo, que o 25 de Abril celebra o direito à diferença, o direito à palavra, o direito à liberdade e o dever de ouvir. E cresci a acreditar que, graças a Abril, a nossa vida nunca poderia ser pior que a dos que lutaram por ela.

Mas a verdade é que esta criança dos anos 90 chegou à idade adulta nos anos da Troika, como toda a minha geração. Somos uma geração que viu o mercado de trabalho fechar-se, que viu esfumarem-se os sonhos de um Portugal em permanente crescimento. Entre crises económicas, pandemias e instabilidade política, fomos forjados na resistência. E muitos de nós vivem hoje limitados à sobrevivência, com a esperança de que amanhã seja um pouco melhor que hoje.

Somos também a geração obrigada à emigração, para países onde, não se celebra o 25 de Abril, mas onde se sente na pele e vive-se, em muitos casos há muitos anos, os mesmos princípios de abril: a justiça social, condições de trabalho dignas, o acesso à habitação acessível, entre outros. Estes jovens que olham Portugal à distância têm, cada vez menos, vontade de regressar, porque veem esmorecer as promessas de Abril.

E aqueles que, como eu, optaram por ficar, reconhecem que Portugal continua a ser um oásis democrático num mundo cada vez mais sombrio. Mas também sentem, dia após dia, os desafios que ameaçam a nossa democracia: a crise da habitação, da saúde, da educação e, sobretudo, a crise da própria confiança democrática.

Não é o populismo a origem deste problema. Ele é apenas um sintoma. A doença não está nas ideias extremistas que infestam os nossos facebooks, instagram, tiktoks, não são os múltiplos comentadores de ocasião que se dispersam pela comunicação social, elevados a peritos e opinion markers, sem que, em muitos casos, exista qualquer rasto ou verificação da sua credibilidade.

A doença da política está na perceção que esta se tornou, para muitos, a única carreira pessoal e a sua única saída profissional.

O interesse público foi sendo substituído pelo ego, pela vaidade, pela irresponsabilidade e por um alheamento cada vez maior da realidade concreta das pessoas.

E, como se não bastasse, vivemos uma incapacidade gritante de construir consensos.

Os partidos têm-se fechado sobre si próprios, nos seus discursos, nas suas agendas.

Não pensem que esta realidade se limita à esfera distante da política nacional.

Ela manifesta-se, com igual gravidade, aqui mesmo: na nossa cidade, na nossa Autarquia, nesta Assembleia Municipal.

Se Almada, este ano, não tem orçamento municipal, um instrumento essencial para o desenvolvimento do Concelho, isso deve-se, em grande parte, aos atores políticos e, em particular, àqueles com responsabilidade executiva, a quem os almadenses confiaram a liderança do Município. Estes afastaram-se da realidade e dos verdadeiros interesses da Cidade.

Não procuraram um diálogo sério, nem a construção de um terreno comum. Optaram antes por se refugiar na arrogância, no ego e num pseudo-intelectualismo estéril.

Ficaram presos à vaidade dos holofotes e grandes palcos, distantes das reais necessidades de Almada.

São essas pequenas atitudes, repetidas sistematicamente, seja a nível da Freguesia, da Autarquia ou até do plano nacional, que representam um verdadeiro risco para a nossa democracia.

Porque é nesse vazio que os cidadãos começam a procurar respostas em ilusões populistas, em discursos extremados, precisamente porque aqueles em quem confiaram durante décadas falharam e falham.

Almadenses, quando abrimos a porta ao populismo, estamos, na verdade, a fechar a porta à nossa própria liberdade.

Quando recusamos o diálogo e a cooperação, travamos o crescimento da nossa Cidade.

E quando nos recusamos a assumir responsabilidades, preferindo apontar o dedo a tudo e a todos, menos a nós próprios, estamos a fechar a porta ao futuro. Seja em Penajoia, no Segundo Torrão, nas Terras da Costa, no Ginjal ou na Lisnave.

E, voltando ao início, Almadenses:

Podem continuar a achar que eu não sei o que foi o 25 de Abril.

Podem pensar que devia ter feito um discurso revivalista, padronizado, a cumprir os clichés habituais desta data.

Mas, na humilde opinião deste mero Deputado Municipal, que acredita não representar apenas o PSD, mas toda uma geração, a luta de Abril exige que continuemos, todos os dias, a defender os ideais em que acreditamos.

Com firmeza. Com convicção. E com a coragem necessária para provocar a mudança.

Viva a Democracia, Viva Almada e Viva o nosso Futuro."

5.5 – A Senhora Deputada Municipal Maria Amélia Pardal (CDU):

"Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhores/as Deputados/as Municipais, Senhora Presidente da Câmara Municipal, Senhores/as Vereadores/as, Senhores/as Convidados/as, Caras/os Munícipes;

Estamos aqui hoje, em Almada, na Assembleia Municipal para celebrar os 51 anos da Revolução de 25 de Abril de 1974. Uma data que não é apenas um marco na nossa história, é um compromisso com o presente e com o futuro.

O 25 de Abril de 1974 marcou um momento decisivo na história de Portugal, o dia em que o povo, com cravos nas mãos, disse basta à repressão e à ditadura. Foi a revolução da liberdade, o grito de um Povo que se levantou contra o medo e escolheu a esperança e a determinação em transformar o seu País.

A Revolução dos Cravos não foi apenas uma mudança política, foi uma Revolução: foi o início de um novo tempo. Um tempo em que a liberdade passou a ser um direito de todos, e não um privilégio de poucos. A democracia nasceu nas ruas, no som dos passos que marchavam por um futuro mais justo, no direito à participação na vida coletiva e ao voto livre, na construção de uma sociedade onde cada voz conta.

Com Abril, chegou o reconhecimento de direitos fundamentais: habitação condigna, direitos no trabalho, acesso à saúde, pública e universal, educação para todos, cultura acessível, igualdade de género, liberdade de expressão e de associação, e a valorização dos direitos das mulheres, silenciados e reprimidos no passado, entre outros.

Foi também o início da luta pela justiça social, pelo combate à pobreza e à exclusão, pela construção de uma sociedade mais solidária, justa e fraterna. Abril trouxe o sonho da igualdade, não apenas uma palavra, mas como prática concreta.

Hoje, ao celebrarmos o 25 de Abril, honramos também os que lutaram para que pudéssemos viver em liberdade. E assumimos, enquanto honramos esses homens e mulheres, o compromisso de continuar a defender e a lutar por tudo o que nos trouxe a revolução: a defesa dos direitos humanos, a promoção da justiça social, a luta contra qualquer forma de repressão, discriminação ou retrocesso democrático.

Porque Abril é mais do que uma data. É um caminho. E esse caminho constrói-se todos os dias, com memória, com consciência, com resistência e com ação.

Hoje, ainda há muito por fazer e de novo por refazer. Celebrar o 25 de Abril é lembrar que a liberdade nunca está garantida, é conquistada, protegida, vivida. Como não está garantido o que conquistámos com Abril. E que todos nós, que estivemos e estamos com os valores de Abril, temos o dever de defender em cada palavra, em cada ato, em cada dia.

Hoje, mais do que nunca, é urgente garantir os direitos, defender a liberdade e combater os populismos, a demagogia e a mentira. Vemos à nossa volta discursos de ódio, a manipulação das redes sociais, a tentativa de reescrever a história. Vemos surgirem, com novas roupagens, velhos perigos: o fascismo, o neonazismo, a intolerância, o ódio e a exclusão.

Novos projetos das diferentes direitas apresentam-se como alternativas, mas são, na verdade, ameaças aos pilares da nossa democracia. Usam o medo para dividir, usam a mentira para conquistar, usam o populismo para esconder a verdadeira essência das suas propostas antidemocráticas.

Não podemos, não devemos ficar indiferentes, temos de agir com políticas verdadeiramente capazes de resolver os problemas dos trabalhadores, do povo e do país.

Hoje, em que se assinalam os 50 anos das primeiras eleições livres e democráticas em Portugal, com uma participação de mais de 90% da população, é também momento de afirmar que o dia 18 de maio próximo será um bom dia para combater a extrema-direita e a direita optando, através do voto, por aqueles que verdadeiramente têm apresentado, de forma coerente e consistente, políticas e propostas capazes de resolver os problemas do nosso país e do nosso povo, e dar-lhe de novo esperança como Abril deu.

Por tudo isto, hoje, aqui em Almada, afirmamos com toda a clareza:

Não esquecemos o que Abril conquistou. Não aceitamos retrocessos. E não permitiremos que se silenciem as vozes da liberdade.

Em nome da memória, mas sobretudo, em nome do futuro, reafirmamos: Abril é de todos. Abril vive em nós.

E enquanto houver quem queira apagar Abril, cá estaremos nós para o fazer florescer, mais forte do que nunca.

Viva o 25 de Abril! Viva a Liberdade! Viva Almada!

25 de Abril sempre! Fascismo nunca mais."

5.6 – O Senhor Deputado Municipal Daniel Silva (PS):

"Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhores/as Deputados/as Municipais, Senhora Presidente da Câmara Municipal, Senhores/as Vereadores/as, Caras/os Convidados/as, Caras/os Munícipes;

Hoje, celebramos o 25 de Abril, a Revolução dos Cravos, que há 51 anos devolveu a Portugal a liberdade, a dignidade e a esperança, o momento "onde emergimos da noite e do silêncio e livres habitamos a substância do tempo", como disse Sophia de Mello Breyner. Foi uma revolução tendencialmente pacífica, conduzida por militares e civis que acreditavam que Portugal merecia mais: mais democracia, mais justiça, mais equidade, mais futuro. Naquela noite, na partida para Lisboa, o Capitão Salgueiro Maia lapidarmente afirmava "vamos acabar com o estado a que chegámos"!

Numa altura em que as posições se extremam, em que a tolerância política e social é colocada em causa, e em que a democracia ocidental é, muitas vezes, instrumentalizada e condicionada, 51 anos depois os valores de abril devem, mais do que nunca, ser recordados, defendidos e aplicados. Nunca foi tão decisiva a qualidade das instituições democráticas, nunca foi tão fundamental o respeito pelo outro e nunca foi tão importante a preservação do Estado Social.

Do Portugal "orgulhosamente só" anterior ao 25 de Abril, somos hoje um país integrado nas várias organizações europeias e mundiais, com uma voz política e diplomática relevante, e tolerantes à diferença.

Portugal tem hoje a geração com a maior formação de sempre (em concreto, hoje há cinco vezes mais alunos no ensino superior do que antes do 25 de abril), 89,1% das crianças frequentam o pré-escolar a tempo inteiro, a taxa de mortalidade infantil caiu cerca de 15 vezes, quase a totalidade das casas tem água canalizada, eletricidade e esgotos, a riqueza criada quadruplicou nos últimos 50 anos, os transportes sofreram uma grande modernização e existem hoje mais 3 mil km de autoestrada.

O Serviço Nacional de Saúde (SNS) português é reconhecido internacionalmente, está entre os melhores da Europa e Mundo, destacando-se pela qualidade dos cuidados prestados e pela eficiência na gestão dos recursos. Apesar dos desafios enfrentados, como os tempos de espera e a necessidade de reforço de recursos humanos, o SNS continua a ser um pilar fundamental do nosso Estado Social. Precisamos de reforçar o SNS, garantindo que todos tenham acesso a cuidados de saúde de qualidade, independentemente da sua condição económica.

Nos últimos 51 anos, apesar dos enormes progressos no acesso à educação e no emprego por parte das mulheres, as desigualdades persistem, nomeadamente as disparidades salariais.

Urge trazer de volta os jovens que emigraram, combater a fuga de cérebros, através da criação de melhores condições nos salários, na habitação e na progressão. O elevador social é também ele um garante de estabilidade e de futuro das mais jovens gerações.

Assiste-se também à litoralização da população e à desertificação do interior, com uma densa concentração nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e Porto, com impactos também ao nível das populações mais idosas, tantas vezes sós.

Apesar das melhorias no que respeita à habitação, são cada vez mais as famílias que, mesmo recebendo, pelo menos, o salário mínimo, não conseguem fazer face aos custos do arrendamento ou da compra de casa. O direito à habitação, consagrado na Constituição, está longe de ser uma realidade para todos. A solução passará também por mais e melhores políticas públicas, e não pela ocupação.

Importa, também, dinamizar a economia, as instituições e os movimentos sociais, em prol do fortalecimento da democracia e da promoção do bem-estar coletivo. Desafiar os preconceitos, o conservadorismo e a deriva neoliberal é fundamental para construir uma sociedade mais justa e inclusiva.

Precisamos, hoje, de um Estado Social robusto, bem gerido, bem organizado, com profissionais motivados, reforçados, valorizados com eficácia e eficiência, num Estado modernizado, tecnológico e avançado.

Da máxima que Sérgio Godinho cantou, "paz, pão, habitação, saúde, educação", muito ainda falta cumprir, apesar destes enormes progressos. Mas tal só será possível numa sociedade democrática, tolerante, equitativa e empática. A liberdade e a Igualdade não nos afastam, aproximam-nos!

E como recordou, certa vez, o Papa Francisco, a democracia é "resolver juntos os problemas de todos"!

O 25 de Abril ensinou-nos que é possível mudar o rumo da história quando há coragem, união e esperança. O 25 de Abril não é apenas hoje, mas renova-se todos os dias, na rua, no trabalho, na família. Precisamos de políticas públicas que resolvam os problemas das pessoas e preservem aquilo que Abril nos deu de mais precioso: a Liberdade.

Citando Mário Soares, "Nós, democratas, não tememos o futuro, porque acreditamos no caminhar da história"!

25 de Abril sempre, Fascismo nunca mais!

Viva o 25 de Abril! Viva Almada! Viva Portugal."

5.7 – O Senhor Comandante Alcindo Ferreira da Silva representante da Associação 25 de Abril:

"Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhores/as Deputados/as Municipais, Senhora Presidente da Câmara Municipal de Almada, Senhores/as Vereadores/as, Senhores/as Convidados/as, Caras/os Munícipes;

51 anos depois da Revolução dos Cravos, vão realizar-se por todo o país, eventos como este, em que estamos a participar para evocar e comemorar um dos momentos mais marcantes da nossa história coletiva.

O 25 de Abril de 1974, não foi apenas uma data de mudança politica através de uma rebelião militar, que pôs fim a um longo período de ditadura e a 13 anos de guerra que se travava em Africa, mas também em resultado da imediata adesão do povo português, o renascimento da liberdade, da democracia, da esperança de viver num país melhor, mais igual e mais justo.

É impossível falar de Abril, sem recordar aqueles que lutaram, que sonharam, que se empenharam e organizaram, com coragem e determinação, contra a ditadura. E abrir um caminho para um Portugal livre, onde cada cidadão pode expressar-se sem medo e votar sem restrições e viver sem censura.

Este ano, celebramos também, os 50 anos das primeiras eleições livres, realizadas a 25 de abril de 1975, e que como sabem, não foi fácil realizar.

Essas eleições para a Assembleia Constituinte, marcaram o início de uma nova era, onde pela primeira vez, todos os portugueses maiores de idade tiveram o direito de voto. Foi um momento histórico, que simbolizou o

cumprimento de um dos objetivos centrais do programa do Movimento das Forças Armadas, devolver ao povo o poder de decidir o seu futuro.

A Constituição da República Portuguesa, aprovada em 1976, consolidou os valores de Abril, trouxe à nossa sociedade liberdade, paz, igualdade, justiça social e democracia.

Estes princípios não são apenas palavras inscritas num documento, devem ser os pilares da nação que sustentam a nossa convivência e que orientam as nossas ações e as dos diferentes Órgãos de Soberania enquanto Nação.

No entanto, ao olharmos para o mundo atual, percebemos que os valores de Abril enfrentam desafios profundos.

As guerras na Ucrânia e em Gaza, mostram-nos que a paz, um dos pilares fundamentais da democracia, continua a ser frágil e ameaçada. A corrida a armamentista que a Europa começa a encetar, é um reflexo das tensões geopolíticas que se intensificam colocando em risco a estabilidade e segurança global.

A guerra da Ucrânia, já dura há mais de 3 anos, tem sido um teste à resiliência dos valores democráticos e à capacidade da Europa de se manter fiel aos princípios da paz, e da cooperação.

A recente decisão de alguns países europeus reforçar os seus arsenais militares, investindo milhares e milhões de euros em armamento, levanta questões sobre o futuro da segurança no Continente.

Estaremos a caminhar para o período de militarização onde a lógica da força se sobrepõe à diplomacia?

A situação em Gaza, por sua vez, é um lembrete doloroso que os conflitos prolongados apenas perpetuam o sofrimento humano e executam a construção de soluções duradouras. A cada dia que passa, vemos populações civis a pagarem o preço da guerra, enquanto as negociações de paz parecem cada vez mais distantes.

O espírito de Abril, ensina-nos que a resposta nunca deve ser o medo ou a escalada da violência, mas sim o diálogo, a diplomacia, e a cooperação entre os povos.

Devemos rejeitar a lógica da guerra e reafirmar o nosso compromisso com a paz, com a justiça e com a dignidade humana.

A Europa, e aqui refiro-me a uma área geográfica e aos povos que a habitam e menos às instituições a que chamamos europeias, a Europa que tanto lutou para se tornar um espaço de liberdade e progresso, não pode ceder à tentação de militarizar-se em detrimento da construção de pontes e soluções pacificas.

Além disso, enfrentamos desafios internos, que exigem uma reflexão profunda, à exceção de discursos demagógicos e extremistas. A pluralização política e a erosão dos direitos fundamentais, são ameaças reais à democracia.

A liberdade, a democracia, a justiça social, não são dados adquiridos, mas sim uma conquista que deve ser protegida, renovada e renovada constantemente.

Almada Cidade que me acolheu quando tinha 17 anos, quando saí do Norte para a Marinha, é uma Cidade de resistência e de cultura, sempre esteve na linha da frente na construção de um futuro mais inclusivo e progressista.

Que esta comemoração seja um momento de reflexão e de afirmação do nosso compromisso com os princípios de Abril.

Que seja também um apela para que as novas gerações conheçam os valores, conheçam e valorizam esta herança, garantido que os cravos da liberdade continuam a florescer.

Viva o 25 de Abril. Viva a Democracia. Viva Portugal."

5.8 – O Senhor Presidente da Assembleia Municipal Ivan Gonçalves (PS):

"Senhora Presidente da Câmara Municipal de Almada, Senhores/as Deputados/as Municipais, Senhores/as Vereadores/as, Senhor Comandante Alcindo Ferreira da Silva, Senhores/as Convidados/as, Caras/os Munícipes;

José Saramago, no segundo volume dos seus Cadernos de Lanzarote, escreveu "Nenhum dia é festivo por ter já nascido assim: seria igualzinho aos outros se não fôssemos nós a «fazê-lo» diferente."

O 25 de Abril, e tudo aquilo que este dia representa, não foi uma coincidência no calendário da história do nosso país. Foi uma escolha. Uma afirmação coletiva da vontade transformadora de um povo, assente na coragem de um grupo de jovens militares.

Essa vontade transformadora foi motivada por uma visão do Portugal existente, marcado por 48 anos de uma ditadura da Direita bafienta e conservadora.

Mas foi também marcado por uma visão do futuro e daquele futuro que desejavam: Um Portugal democrático, justo e livre.

Esta diferença fundamental ecoa até hoje, não apenas como uma memória do passado, mas como um compromisso:

Comemorar Abril é reconhecer o valor do ato fundacional que garantiu aos portugueses direitos fundamentais. É lembrar que a liberdade não se recebe passivamente, constrói-se e, se necessário, defende-se.

Celebram-se hoje também 50 anos das primeiras eleições livres e universais no nosso país. As primeiras eleições em que qualquer maior de 18 anos pôde votar no nosso país.

Nesse dia, a 25 de abril de 1975, os portugueses mobilizaram-se para eleger uma Assembleia que veio a aprovar a atual Constituição da República Portuguesa.

Nesta Constituição ficou explícito que todos os cidadãos têm direito à mesma dignidade, são iguais perante a lei e que ninguém pode ser beneficiado ou prejudicado em razão da sua ascendência, etnia, religião, sexo, orientação sexual, território de origem, língua ou religião.

A aprovação da Constituição, em 1976, não foi o fim, foi apenas o fim do princípio.

Numa altura em que voltámos a ter partidos saudosistas do Estado Novo no Parlamento Português, que fazem da desinformação e da ofensa ao outro, especialmente quando o outro é diferente, a sua forma de estar na vida e na política, importa relembrar a importância da defesa da Liberdade, da Democracia, da Empatia e da Fraternidade.

Portugal tem ainda muito para andar, é evidente, mas fará esse caminho com os olhos postos no futuro e sem regressar a um passado sombrio.

Senhoras e Senhores Deputados Municipais,

Tal como o resto do país, ao longo dos últimos 50 anos, Almada mudou muito.

Como hoje já aqui foi dito, importa saber onde estávamos e onde estamos hoje.

Antes do 25 de Abril, o nosso Concelho caracterizava-se pela ausência de infraestruturas, de rede de saneamento, de planos urbanísticos, de redes de circulação viária, de transportes públicos e de muitos outros serviços básicos.

Ao longo destes 50 anos foi necessário dotar o Concelho de tudo o que faltava e Almada soube fazê-lo interpretando o espírito de Abril.

Com a Participação Cívica e com o Associativismo que são as suas marcas.

Com a Liberdade ansiada muito antes da Revolução, porque Almada é uma terra de resistentes.

Com políticas concretas que lhe transformaram a face, que lhe trouxeram progresso material, mas que também a tornaram num espaço de diversidade, um território onde todos têm lugar, num claro contraste com o movimento retrógrado que marcou os 48 anos da Ditadura.

Mas esta transformação só foi possível com a instituição do Poder Local Democrático, que se tornou o motor deste novo ciclo.

O Poder Local aparece, pela primeira vez, no ordenamento constitucional português, com a República, em 1911.

Durante o Estado Novo, as Autarquias Locais estavam subjugadas ao controlo e ao autoritarismo do Estado Central.

Esta ingerência do Estado materializava-se em inspeções administrativas, na imposição de instruções de funcionamento e, até mesmo, na possível dissolução dos órgãos autárquicos administrativos se estes já não fossem convenientes e coniventes ao Regime.

O Poder Local Democrático, como o conhecemos hoje, é uma construção de Abril!

E esse poder local democrático tem, em Almada, os seus rostos.

Tem o rosto daqueles que, ao longo destes 50 anos, lideraram a Câmara Municipal de Almada – José Martins Vieira, Maria Emília de Sousa, Joaquim Judas e Inês de Medeiros.

Daqueles que Presidiram à Assembleia Municipal de Almada – Artur Neves, Nuno Cabeçadas, José Manuel Maia e José Courinha Leitão.

Dos Deputados Municipais, dos Presidentes de Juntas de Freguesia, de todos os Membros das Juntas e das Assembleias de Freguesia do Concelho.

Todos eles, eleitos democraticamente de acordo com as preferências políticas e ideológicas dos almadenses, bastante vincadas e que sempre significaram, cada um no seu tempo, desenvolvimento e progresso.

A todos eles, obreiros do Poder Local Democrático Almadense, devemos a nossa gratidão, pela dedicação ao nosso Concelho.

Em Almada não fugimos do 25 de Abril e do que ele significa, nem em dia de Luto Nacional, nem em dia nenhum.

Celebramo-lo e celebramos com gosto - como "o dia inicial inteiro e limpo".

Porque, como recorda Saramago, nenhum dia nasce diferente. Cabe-nos a nós fazê-lo diferente.

E é esse o verdadeiro sentido de Abril: um compromisso com a justiça, com a liberdade, com a igualdade, com a memória e o legado, mas também com a mudança e com a responsabilidade.

A responsabilidade de quem carrega a representação delegada pelos almadenses e que deve procurar, no exercício dos mandatos, estar à altura deste nosso grande Concelho.

Viva Almada! Viva o 25 de Abril! Viva a Liberdade!"

5.9 – A Senhora Presidente da Câmara Municipal Inês de Medeiros (PS):

"Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhores/as Deputados/as Municipais, Senhores/as Senhores/as Vereadores/as, Senhores/as Convidados/as, Caros/as Munícipes;

Eu penso que todos mais ou menos jovens, sabemos o que foi o dia do 25 de Abril.

Mas também sabemos, que não foi só nesse dia que a democracia chegou. Sabemos que foi um processo, foi um caminho que nem sempre foi fácil, sabemos que foi um ano depois, como já aqui foi dito, que celebramos as primeiras eleições livres para todos, sem descriminação entre homens e mulheres. O voto universal.

Sabemos o longo caminho que levou a recuperar do atraso quase endémico em que a ditadura nos tinha mergulhado.

Sabemos, que o 25 de Abril aconteceu graças à coragem dos resistentes, aqueles que nunca desistiram de lutar pela liberdade, mas o 25 de Abril se faz todos os dias e se tem feito ao longo destes 51 anos, por todos aqueles que acreditam e defendem, em cada ato em cada gesto, a democracia e essa mesma liberdade.

Permitam-me até porque estamos neste espaço tão icónico do nosso Concelho, aqui na nossa Biblioteca Central, e permitam-me este à parte, onde estreamos de alguma maneira em cerimónias oficiosas, esta nova tapeçaria

de Arraiolos de homenagem aos livros, sendo que a Tapeçaria do Rogério Ribeiro está a ser reabilitada, não se preocupem, e será colocada com toda a dignidade aqui ou noutro sitio, mas precisava de ser reabilitada.

Mas, já que estamos aqui, rodeados de livros e já que estamos aqui a relembrar o passado, um dia no passado, um passado que queremos que seja realidade hoje e que nos projete para o futuro, permitam-me que comece esta reflexão, não é tanto um discurso, houve muito bons e grandes discursos hoje, a referência com um grande livro, de um senhor chamado Stefan Sbayk e que foi publico penso que a titulo postem em 1942, o livro chama-se "O mundo de ontem – Memórias de um Europeu". E nesse livro, que é um livro extraordinário, que é um livro que deslumbra pela beleza da escrita, mas angustía por aquilo que descreve, assistimos a um Continente Europeu que viva nos finais do século XIX, início do século XX, dos períodos mais prósperos e criativos que tinha vivido. Era onde havia toda uma parte da sociedade que, vivia confiante no progresso, no crescimento, na evolução, sim havia injustiças, sim havia a revolução industrial, tinha trazido problemas, mas caminhávamos com esperança.

Descreve sim, de que forma perversa, insidiosa, foram crescendo os movimentos baseados na mentira, no ódio, na acusação, na criação de bodes expiatórios nas vítimas fáceis, foram e levaram o nosso Continente e o mundo para o caos e para o horror.

Houve muita cobardia, é verdade. Houve muita hesitação, não basta lembrar as palavras de Chamberlain "Procura a Paz, entre a paz e desonra, escolheu a desonra, vai ter a guerra e a desonra ao mesmo tempo".

E esse livro descreve essa caminhada e nós que já conhecemos a história, ficamos aterrorizados porque sabemos o que aí vem. Aconselho todos os mais jovens a lê-lo.

Mas é verdade que também quando o li, não foi como quando o reli agora. Porque quando o li, estava certa que aqueles tempos nunca voltariam, e, no entanto, que surgiram os imperialismos. Não apenas a Ucrânia foi ocupada, mas há até quem já queira anexar Gronelândia e outros a territórios.

Assistimos atónitos e horrorizados ao genocídio, atónicos com a impotência assumida, horrorizados todos os dias, com o genocídio que decorre em Gaza e contra o povo palestiniano. E ainda mais atónicos e horrorizados, quando temos um dos grandes líderes mundiais a dizer que aquilo vai ser um mundo maravilhoso, um resort turístico extraordinário.

Recomeçamos outra vez a assistir a palavras por aqueles que cresceram em nome de uma suposta liberdade de expressão, recomeçamos a assistir de forma desvergonhada a proibições de palavras, a limitações do saber em Universidades, já não se escondem daquilo que pretendem. Nem nos Estados Unidos, nem no Brasil, mas também não em Portugal.

Sim, em Portugal também já está a acontecer aquilo que pensávamos impensável, num país que todos nós temos entre as nossas famílias alguém que emigrou. Alguém que emigrou para um pais do qual não sabia a língua e que aprendeu no trabalho, no duro, no quotidiano. Pensávamos: Não! Esse discurso não vai pegar em Portugal. E, no entanto, sim! Há sempre o mais pobre, há sempre o mais frágil, para que estes abutres que se alimentam do caos e do horror, apontem as suas armas, as armas da mentira e as armas da desumanidade.

Sim, relembramos Abril e queremos que Abril seja vivo. Mas relembrar Abril é de facto, neste momento, resistir. Resistir e dizer não. E não aceitar de forma mais ou menos polida, mais ou menos diplomática, mais ou menos formal, não aceitar, que nos empurrem para o caos, para o horror, para o egoísmo, para a ignorância, para a boçalidade e sem dúvida nenhuma, para anseios de ditadura num futuro muito próximo.

E essa luta faz-se, não se faz apenas nos discursos, faz-se na Assembleia da República, faz-se em todas instituições, mas faz-se sobretudo, nesta política de proximidade que são as Autarquias nessa grande conquista de Abril que é o Poder Local Democrático. E faz-se, nunca aceitando aquilo que passou a ser quase uma banalização.

Não! A mentira não é uma opinião e não é a liberdade de expressão. A mentira é mentira e a verdade é a verdade dos valores da justiça da igualdade, da fraternidade, e é o grito que hoje e sempre diremos, não aceitamos o racismo, não aceitamos a xenofobia, não nos vergaremos às vontades totalitárias e não aceitaremos de novo,

que as forças negras se apoderem das nossas vidas, das nossas cidades, do nosso pais, daquele que é o nosso passado, que hoje celebramos.

Viva o 25 de Abril. Fascismo nunca mais. Viva Almada, Viva Portugal."

6 – Pelas 10 horas e 15 minutos deu-se por concluída a Sessão Solene Comemorativa do 51.º Aniversário do 25 de abril de 1974.

7 – Participaram na Sessão a Senhora Presidente da Câmara Municipal Inês de Medeiros (PS), e os Senhores/as Vereadores/as Maria Teodolinda Silveira (PS), José Pedro Ribeiro (PS), Francisca Parreira (PS), Filipe Alexandre Pacheco (PS), Nuno Filipe Matias (PSD), , António Sousa Matos (CDU), Helena Manuela Azinheira(CDU), Mara Martins (CDU) e Filipa cruz (BE) e o Comandante Alcindo Ferreira da Silva representante da Associação 25 de Abril.

8 – Foi verificada a presença na Reunião cerca de cento e vinte munícipes.

9 – Por ser verdade se elaborou a presente Ata que, depois de lida e aprovada vai ser assinada pela Mesa.

O PRESIDENTE_____

O 1.º SECRETÁRIO_____

A 2.ª SECRETÁRIA_____